DISCURSO DE PARANINFO

PROF. EDUARDO D. BOTTALLO - TURMA DE 1985

Exmo. Sr. Prof. Dr. CALIXTO ANTONIO, digníssimo Diretor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

Exmo. Srs. Professores.

Demais Autoridades Presentes.

Meus Senhores, Minhas Senhoras,

Caríssimos Bacharelandos da turma de 1985.

Inicialmente, quero expressar toda a minha honra e alegria por haver sido escolhido Paraninfo de vossa formatura.

Jamais, nos meus já longos anos de exercício do Magistério Superior, havia experimentado antes sentimento tão intenso como aquele que vós me propiciastes com esta indicação, que guarderei como uma das lembranças mais afetuosas e queridas de minha carreira.

Contudo, e movido por inafastável dever de justiça, peço agora vossa licença para compartilhar fraternalmente a indicação com que me distinguistes com todos os demais Professores da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, Mestres de elevada postura, que, durante os cinco anos do curso, empenharam-se na tarefa de conduzir-vos dedicadamente pelos ricos, por vezes intrincados, mas sempre fascinantes meandros da ciência do Direito, em todas as suas especialidades.

Meus queridos Bacharelandos, devo confessar que esta modesta oração, em toda a sua simplicidade e despojamento, é, não obstante, fruto de longa meditação.

Ocorreu-me, a princípio, a pretensão de transmitir mensagem prenhe de otimismo e de frases belamente elaboradas, que pudessem somar-se ao ar festivo desta cerimônia e, pelo menos durante o período de sua realização, dar-vos a ilusão de que hoje, para cada um de vós, estariam sendo abertas, às escâncaras, as portas do sucesso e da realização pessoal e material.

Logo, porém, me convenci da futilidade deste caminho, posto que sucesso e realização, mesmo que possam vir a ocorrer - e talvez nem todos vós sereis contemplados com estas benesses - sucesso e realização são meros elementos ancilares, simples subprodutos ocasionais e aleatórios da jornada profissional que ora se inicia.

Afastada, assim, esta linha euforista, imaginei que fosse útil dizer-vos das oportunidades profissionais que vosso recém conquistado título possibilita, e sobre as possíveis vantagens de cada uma delas.

Abandonei, também, esta opção, por convencer-me de que estaria sendo repetitivo, limitando-me a reproduzir conceitos e informações ou que já são de vosso pleno conhecimento, ou que outros, por certo, e com muito mais propriedade do que eu, já tiveram oportunidade de vos transmitir.

A tentativa de encontrar solução para o problema conduziu-me à divagação,

e esta, como era inevitável, à lembrança de minhas próprias experiências.

E foi exatamente destas, meus caros Formandos, que decidi extrair os fundamentos da mensagem que agora vos dirijo.

Quero, desde logo, advertir, para vossa justificada tranquilidade, que não me move, absolutamente, o propósito de cometer, por assim dizer, uma autobiografia profissional, nem o de tentar apresentar-me diante de vós, de meus Colegas Professores, e dos demais presentes, como se fosse um ente olímpico, um super profissional, que nunca errou, que nunca teve dúvidas, vacilações, ou que nunca se sentiu envergonhado pela consciência de suas próprias fraquezas e limitações.

Pelo contrário.

Se minhas palavras tiverem algum mérito, este será o de reafirmar que o convívio com as fraquezas, as dúvidas e as vacilações é inevitável, e que a vitória está não em superar esses entraves, mas sim, em não se conformar ou a eles sucumbir.

A batalha incessante que ora se inicia para cada um de vós, seja qual for o caminho profissional que vierdes a escolher, deverá ser enfrentada com algumas armas.

E é exatamente sobre estas armas que eu vos desejo falar.

A primeira delas está na RESPONSABILIDADE SOCIAL que vós deveis imperativamente preservar em todos os momentos de vossa vida profissional.

Em um país, onde os índices de analfabetismo são revoltantes, onde mais da metade da população vive em condições sub humanas, onde a miséria e a ignorância são elementos indesejavelmente presentes, vós constituís uma casta de privilegiados.

É certo que este privilégio não pode ser creditado exclusivamente ao acaso.

Sei perfeitamente que o título que ora lograstes foi conquistado às custas de esforço, sacrifício e renúncia.

Mas, exatamente porque vos foi dada a oportunidade desta conquista, oportunidade a milhares de outros simplesmente sonegada, é que deveis tê-la não como um troféu, destinado a ser egoisticamente admirado, mas sim como um instrumento, apto também, em maior ou menor medida, a servir os seus semelhantes.

O Advogado, o Juiz, o Promotor Público, o Delegado de Polícia, exercem, todos eles, um munus público, uma função pública.

Sua atividade profissional, conquanto também destinada a possibilitar, justa e plenamente válida, ascenção social, está primordialmente ligada ao cumprimento de tarefa da mais alta relevância em termos de seu significado comunitário.

Na verdade, todos os profissionais do direito desempenham, em essência, o mesmo papel, qual seja, o de buscar a solução dos conflitos e a pacificação social.

Esta busca, que transcende em muito os possíveis interesses individuais de cada um, é talvez a melhor tradução para o sentido de responsabilidade social que há pouco foi assinalada.

É um mau advogado, porque lhe falta responsabilidade social, aquele que aceita uma causa sabidamente improcedente, movido apenas pelo propósito de receber os seus honorários.

É um mau promotor, porque lhe falta responsabilidade social, aquele que oferece denúncia contra quem não tem convicção de ser culpado, movido apenas por aquilo que, distorcidamente, poderia ser o seu dever de ofício.

É um mau juiz, por que lhe falta responsabilidade social, aquele que decide precipitadamente, ou inspirado não pela verdade da causa, mas por seus próprios preconceitos.

É um mau delegado, porque lhe falta responsabilidade social, aquele que, a pretexto de defender a ordem pública, negligencia e tripudia sobre os direitos individuais, como se ordem pública e direitos individuais fossem conceitos incompatíveis.

E, se é certo, meus caros Bacharelandos, que os exemplos de impunidade a maus advogados, maus promotores, maus juízes e maus delegados, são lamentavelmente frequentes, nem por isso essas exceções devem ser tomadas como tendentes a transformar-se em regra.

A tarefa de dignificar e purificar as diversas profissões ligadas ao Direito cabe exclusivamente a quem nelas milita.

E esta tarefa, se não encontrasse justificação na simples necessidade de afastar-se os maus do convívio dos bons, mostra-se imperativa em razão da transcendental importância dos valores sociais dados à guarda dos Profissionais do Direito.

E porque estamos falando em impunidade, talvez seja útil recordar que, a rigor, ela não existe.

Se alguns, por obra das circunstâncias, podem passar incólumes à censura dos homens, nem por isto encontram redenção perante si próprios, perante o julgamento implacável das próprias consciências, pois, como fataliza o grande Poeta Mário Quintana, em reflexão de contundente realismo.

"Poderás ir até a esquina
Comprar cigarros e voltar.
Ou mudar-te para a China.
Só não podes sair de onde tu estás."

Este poema tem o significativo nome de "Liberdade Condicional".

A seguir, eu gostaria de falar-vos sobre DEDICAÇÃO.

Não da dedicação doentia, levada aos limites do paroxismo, e assim capaz de soterrar os valores pessoais e familiares que todo ser humano tem o direito de cultivar e preservar.

Eu me refiro à dedicação como um ato de doação, ao cliente, ao réu, às partes, daquilo que eles têm o direito de esperar do advogado, do promotor, do juiz, ou seja, o melhor de seu talento profissional.

Eu me refiro à dedicação como sendo a virtude que se contrapõe à negligência e ao comodismo.

O compromisso que acabais de prestar obriga-vos a agir com exatidão e proficiência no exercício de vosso dever.

Não são meras palavras que, repetidas maquinalmente, possam ser imediatamente esquecidas, mas sim, lema que haverá de, permanentemente, inspirar

vosso comportamento profissional.

Enquanto indivíduos, cada um de nós tem perfeita consciência das próprias limitações.

Dedicação significa não sonegar esforços ao exercício da profissão, até as raias destas limitações, sem que isso possa traduzir-se em sacrifícios masoquistas, pois estes, longe de expressarem qualidades, não passam de manifestações de desvios do caráter humano.

Por último, devo lembra-vos do AMOR.

O amor em seu sentido mais amplo, que é o grande tempêro da vida.

Não basta, Meus Queridos Bacharelandos, que vossa postura profissional seja marcada apenas pela responsabilidade e pela dedicação, se a ela faltar a necessária dose de sentimento.

Seria como o sol de inverno: ilumina, mas não irradia calor.

O amor à profissão, àquilo que fazemos, nos ajuda grandemente a vencer nossas próprias limitações, a compreender com maior tolerância os argumentos que nos são contrapostos e a receber com serenidade os golpes, por vezes desleais, que nos são desfechados.

Se faltar amor à carreira que vierdes a escolher, esta certamente vos será, particularmente, penosa fonte de frustrações e desgostos, motivo apenas de queixas e lamúrias.

Se faltar amor, vos tornareis amargos e, em se tornando amargos, vos tornareis maus profissionais.

Fugí desse círculo vicioso!

E já que estamos falando de amor, Meus Queridos Bacharelandos, eu gostaria de concluir esta mensagem evocando, não as palavras de um jurista, mas sim, de outro grande Poeta brasileiro, Vinícius de Morais, cantor maior do amor de todos nós, quando disse que,

> *"Para viver um grande amor, é preciso, primeiro,*
> *Ser sagrado cavaleiro,*
> *E ser de sua dama por inteiro,*
> *Seja lá como for."*

O compromisso que, nesta solene cerimônia, acabastes de prestar, equivale a verdadeira sagração: sois agora cavaleiros e damas de uma distinta corporação, a de Bacharéis em Direito.

Cabe-vos, pois, dorovante, viver, na profissão que escolhestes, um grande, verdadeiro e permanente amor.

Não vos priveis de fazê-lo!

Não hesiteis em fazê-lo.